ESTADÃO expresso NA PERIFA

SÃO PAULO SEXTA-FEIRA, 4 DE FEVEREIRO DE 2022
expressonaperifa.com.br

Parceria:
99

CULTURA

SOU O FUNK DA PERIFERIA

"É som de preto, de favelado. Mas quando toca ninguém fica parado": gênero musical, estilo de vida, expressão de identidade e resistência. De passinho em passinho, conheça a visão de quem luta para desconstruir estereótipos e valorizar o movimento

Isabelle India/Divulgação

ESTE EXEMPLAR É UMA CORTESIA DE S/A O ESTADO DE S.PAULO – EXPRESSO NA PERIFA. DISTRIBUIÇÃO AUTORIZADA PELO ARTIGO 26, PARÁGRAFO 2º, DA LEI 14.517/2007, COMBINADO COM A LEI 5.250/1967. MANTENHA A CIDADE LIMPA – NÃO JOGUE ESTE MATERIAL EM VIA PÚBLICA

'O papel do funk é fazer o Brasil ter consciência do que realmente é. (...) Fazer a molecada da favela se sentir representada. Antigamente, o que passava na televisão era um padrão *Malhação*, novela de meninos de classe média. O menino da favela não se identificava'

Isabelle India/Expresso na Periferia

ENTREVISTA
THIAGSON, PESQUISADOR E DOUTORANDO EM MÚSICA E FUNK NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PEGA A VISÃO

'O QUE SE CANTA NAS LETRAS **NÃO É O QUE SE VÊ NOS BAILES'**

NATALY SIMÕES

O funk carioca é um fenômeno musical que expressa a realidade de quem vive nas periferias. Diferentemente do que muitas pessoas pensam, o gênero vai além das letras sobre atos sexuais. E seu sucesso ultrapassa limites geográficos, sendo reconhecido mundialmente. Mas o alcance das batidas não impede que artistas e público de bailes – as festas que em São Paulo também são conhecidas como fluxos – sejam vistos com preconceito e criminalizados.

O **Expresso na Perifa** conversou com Thiagson, doutorando em música e funk na Universidade de São Paulo (USP). Na vida e na academia, o pesquisador descreve o objeto de estudo como uma maneira de entender a própria história.

O funk é uma das principais expressões musicais do Brasil. O que é esse movimento?

O funk é um fenômeno musical que vem da tradição do hip-hop e começou com os bailes black do Rio de Janeiro, que realmente tocavam funk, mas músicas de nomes como James Brown. Musicalmente o funk brasileiro não tem nada a ver com o funk do James Brown, mas é uma continuidade histórica. Na cultura hip-hop, na música eletrônica dançante, uma das vertentes em que o funk bebeu muito foi a do eletrofunk de Los Angeles (Estados Unidos). Essa foi a matriz do funk que conhecemos hoje em dia.

A vida das pessoas pode mudar para melhor por causa do funk?

É algo muito concreto. As pessoas começam a ganhar dinheiro quando tocam em festas e de diversas outras formas, não somente como MC e DJ. Vendem bebidas e organizam casas de show. Trata-se de uma questão existencial e que vemos muito nas favelas, como um projeto que surge para a diversão. O funk dá esperança para quem está na periferia e abandonado. Permite sonhar com oportunidades que não estejam na criminalidade.

Como mensageiro de crítica social, o funk relata o dia a dia na quebrada. Que importância isso tem?

O papel do funk é [fazer o] Brasil ter consciência do que realmente é. Na favela existe um outro país. Quem manda na favela não é o Estado, e sim outras autoridades. O funk espelha o Brasil enquanto a classe média tende a comparar o País com a Europa. O papel do funk é mostrar para os brasileiros que o Brasil é diferente, as pessoas são em sua maioria pretas e quem tem dinheiro são as brancas. É um conflito entre dois "Brasis".

Dentro da favela, o papel é fazer a molecada se sentir representada. Antigamente o que passava na televisão era um padrão *Malhação*, uma novela com meninos de classe média. O menino da favela que assistia àquilo não se identificava.

Por que o funk incomoda e é associado à criminalidade e ao sexo irresponsável?

Vivemos em uma sociedade muito conservadora, de berço ocidental, que tem uma relação ainda muito tensa com a sexualidade. Na questão das drogas e da criminalidade, existe um moralismo de achar que o bandido na essência é um ser do mal. As pessoas não entendem que a criminalidade é construída socialmente. O incômodo é pelo funk mostrar o choque.

Essa associação também acontece porque as pessoas mais ricas se sentem superiores e dizem que os pobres têm famílias desestruturadas, quando na realidade se trata de outra estrutura e outra realidade. O filósofo Walter Benjamin falava que você pensa diferente dependendo da sua realidade. Se você tem dinheiro, age de uma forma. Se não tem, age de outra maneira.

O funk é sensual, irresistível. Muitas letras levam ao público uma sexualidade explícita. Um público jovem. O que isso revela?

Há uma fala que não é minha, mas que diz que o funk não precisa fazer protesto e para incomodar basta existir. Isso nos faz pensar que a putaria é política, porque não é preciso falar sobre política e desigualdade para se pensar em questões estruturais e políticas. Quando você vê um moleque de 9 anos, com aquela voz aguda, cantando putaria, você pensa nos problemas sociais.

Você acha que o funk é libertador para as mulheres?

A pesquisadora de funk Adriana Carvalho Lopes falou em 2009 que o funk não poderia ser feminista. Ela falava em sua análise que, mesmo quando as mulheres cantam, elas são muito cooptadas pela indústria pornográfica, que é machista. Hoje muitas coisas mudaram e eu acredito que o funk pode ser usado como uma forma de libertação e de contrariar valores machistas.

Muitos pesquisadores defendem que o funk só passou a ter letras explícitas cantadas por homens quando as mulheres começaram a cantar sobre sua sexualidade nos anos 2000, como se fosse uma resposta deles. Apesar de muitas vezes tentarem colocar o funk como algo opressor, é o funk que também mais acolhe pessoas fora do padrão, como MC Carol e as travestis. A travesti Lacraia cantando sertanejo, por exemplo, é algo impensável.

O que acontece no baile funk?

O que se canta nas letras não é o que se vê nos bailes, principalmente em relação ao sexo. O uso de drogas acontece em toda ocasião festiva e não só no funk. Quanto ao sexo, eu vejo um clima muito conservador nos bailes. Eu não vejo tanta gente se pegando e há um cuidado com o tratamento às meninas, porque se for da favela vai tomar um sacode. Já no carnaval de rua de São Paulo, as pessoas quase transam nas ruas.

Geralmente, os bailes têm aglomeração, com um roteiro no sentido de organização para respeitar os trabalhadores e não atrapalhar o comércio. Há esse cuidado por parte das pessoas que organizam os bailes. Alguns bailes são temáticos, como Natal e Dia da Criança, por exemplo.

De modo geral, vemos um paredão de som disposto em algum lugar, com pessoas aglomeradas e curtindo a festa ao ar livre. No Rio há tendas e em São Paulo, se chover, as pessoas se molham mesmo. Basicamente, a natureza dos bailes no Sudeste é a mesma e a do estilo da música que se toca também.

THIAGSON, O QUE CARACTERIZA O FUNK NO BRASIL?

O que caracteriza o funk brasileiro é um gênero de música eletrônica feito por jovens e que tem sua base na periferia. É um ritmo quaternário baseado em quatro tempos e um ritmo de matriz africana, presente em rituais de umbanda e candomblé. De cultura do hip-hop, tem também uma natureza antropofágica de criar a partir de tudo, como som de áudio do WhatsApp e música clássica. Dos gêneros de música brasileira que fazem sucesso, o que mais tem música clássica é o funk. Uma diferença maior pode ser vista entre o funk e o brega funk, que tem uma questão histórica diferente e um ritmo semelhante ao reggaeton e a outros latinos, enquanto o funk vem de matriz afro-brasileira e de países como a Nigéria.
A gente vê diferença também no que se toca nos bailes de rua de São Paulo e do Rio de Janeiro. No Rio predomina o 150 bpm e eu costumo brincar que a gente só sabe diferenciar o funk carioca do paulista e do mineiro pelo sotaque. Há um intercâmbio muito grande de informações, com MCs de Belo Horizonte gravando com os de São Paulo e por aí vai.

QUAIS TEMÁTICAS APARECEM NAS LETRAS DO FUNK?

O funk mais pop e ousadia descreve relações sexuais, com um refrão mais curto. É simplesmente uma descrição do ato sexual, mais dançante e acelerado. Já o funk consciente traz uma narrativa da vida nas favelas, das dificuldades e do desejo de superação, com letras mais longas e a produção menos acelerada, mais suave. O proibidão, por sua vez, muitas pessoas confundem com o de ousadia. Ele é o que fala da vida no crime, daí vem o nome proibido. Esse surgiu na década de 1990 e tem narrativas mais longas, normalmente com o tamborzão e uma narrativa de disputas entre as facções. Essa é uma variação que está em extinção e quase não se vê mais no mainstream. Nos bailes de hoje, predominam as montagens, em que o DJ junta vários fragmentos de músicas em uma gravação só.

Tramita em Brasília o Projeto de Lei (PL) nº 2229, de 2021, para criar o Dia Nacional do Funk (12 de julho). Esse reconhecimento tende a se refletir em políticas públicas e "ampliar o debate para construir propostas alternativas de educação e de geração de empregos nas periferias por meio do funk", afirma o articulador Bruno Ramos

PASSINHO CONSCIENTE

A PERIFERIA EXISTE E RESISTE NO FUNK

Representantes do movimento falam de cultura, criminalização e desafios

VANESSA RAMOS E ANDREIA COUTINHO

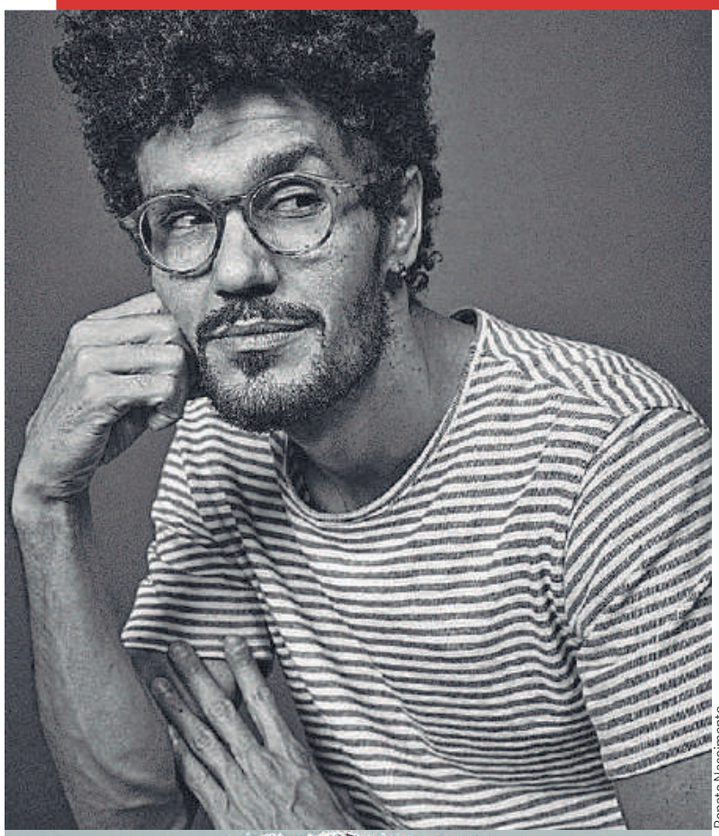
O funk brasileiro, nascido na favela, faz sucesso no mundo, atrai milhares de pessoas e fortalece a indústria da música com números expressivos. Mas ainda encara inúmeros desafios. Os principais problemas são a criminalização, a ausência de políticas públicas e a falta de reconhecimento como expressão cultural da juventude periférica.

O **Expresso na Perifa** reuniu nesta reportagem reflexões do articulador Bruno Ramos e da pedagoga e coreógrafa Renata Prado, especialistas no assunto. Os dois estão de acordo: queixas e preconceitos associados ao movimento devem ser enfrentados com diálogo e um olhar atento aos anseios e à realidade das periferias.

Xô, criminalização e racismo – Se o poder público estivesse interessado em dialogar com o movimento, diz a pedagoga Renata Prado, haveria um Estado mais sensível às mães que cobram respostas por crimes cometidos em 2019 na "Operação Pancadão", em que nove jovens foram assassinados pela Polícia Militar em Paraisópolis, na zona sul da cidade de São Paulo. "A mesma assembleia legislativa que faz campanha contra o funk recebeu denúncias sobre esses crimes", diz Renata.

Em vez de criminalizar, a pedagoga propõe que o Estado crie uma espécie de operação "baile funk", que legalize fluxos, dialogue com os organizadores e compreenda a dinâmica e as necessidades de cada localidade, porque os eventos nas periferias são deixados de lado, ao contrário do que ocorre em ações culturais no centro da capital paulista.

O racismo, avalia Renata, caracteriza a situação. "A gen-



Renato Nascimento

Bruno Ramos, articulador nacional do Movimento Funk
'A forma como o Estado enxerga o jovem da periferia é sempre como problema e não solução. Os fluxos incomodam por causa da ocupação das ruas, do volume das músicas, das letras. Se as letras têm uma problemática, é porque as pessoas não conhecem nossa realidade. As outras questões não têm relação com o funk, e sim com a falta de iniciativas públicas que ajudem a organizar os bailes'

Luan Batista

Renata Prado, coreógrafa, pedagoga e especialista na cultura do funk
'É por isso que vemos os bailes em praças, fechando ruas. A não legitimidade desses lugares e a criminalização dificultam a relação dos funkeiros com a comunidade e geram atrito social. (...) Não existe frente de governo que dialogue com o funk. A única resposta que a gente tem do Estado quando o assunto é funk é a polícia'

te está falando da juventude preta, periférica, que consome uma cultura totalmente radical. Em qualquer lugar onde existam jovens negros periféricos de forma concentrada, sempre vai ter uma ação criminalizatória da polícia."

A questão da criminalização não é um problema que começou com o funk, complementa Ramos. O samba, a capoeira e o hip-hop também passaram por isso. "Enquanto a gente não avançar no debate para discutir o racismo estrutural e institucional, o movimento continuará sendo criminalizado por outras razões."

Funk é cultura e gera emprego e renda – Por que os fluxos são tratados como caso de polícia, inseridos na pasta da Segurança Pública? Por que o funk não está na pasta da Cultura em órgãos públicos? "Isso [estar na Cultura e não na Segurança Pública] se justifica numa perspectiva sociológica e antropológica que considera nosso estilo de vida, nosso consumo e a nossa identidade. O mercado já percebeu isso, mas o poder público ainda não. E não reconhecer o movimento funk como cultura nacional inviabiliza que possamos discutir sua legitimidade e os problemas relacionados aos fluxos", pontua Ramos.

Além de produtoras como a Kondzilla, que gerencia a carreira de grandes artistas do funk nacional, a economia do funk nas periferias é fomentada, sobretudo, pela produção musical, a criação de videoclipes, as gravadoras, as vendas de shows e outras iniciativas independentes. "É preciso acreditar no funk como economia criativa. A gente está falando de jovens periféricos que não têm acesso ao mecanismo da cultura e do mercado fonográfico, mas que criam os seus espaços de trabalho independentes. Precisamos qualificar a mão de obra para isso", finaliza Renata.

Apresenta e representa

Veja em **expressonaperifa.com.br** perfis de destaques do movimento

Fotos: divulgação

David e Lucas. Moradores do Itaim Paulista, zona leste de São Paulo, os funkeiros de estilo mandrake dividem a casa e a vida. O casal se conheceu no Facebook, está junto há seis anos e compartilha o dia a dia com mais de 640 mil seguidores no TikTok e 377 mil no YouTube. Depois que as primeiras fotos viralizaram, decidiram filmar passinhos. Foi assim que viraram influenciadores e passaram a se manter com o trabalho nas redes sociais. *(Ethieny Karen)*

Irmãs de Pau: Vita Pereira e Isma de Almeida se conheceram em 2015 numa ocupação em escola pública de Barueri, região metropolitana de São Paulo. Nunca mais se largaram. Mas foi durante a pandemia que começaram a criar, juntas, funks que tratam da realidade LGBTQIA+. Assim surgiu a dupla Irmãs de Pau. O sucesso não chega a ser novidade. Além da música, as duas têm outros trabalhos. No cinema, Vita coleciona 25 prêmios. A Isma é DJ. Ela também dança e faz produção cultural. *(Artur Nascimento)*

Tamiris Coutinho: em entrevista à repórter Julia Santiago, do Embarque no Direito, a relações-públicas fala do trabalho de conclusão de curso que viralizou e virou livro sob o título *Cai de Boca no meu B*c3t@o*. Na obra, Tamiris procura entender a visão – de dentro da favela e das universidades – das mulheres que vivem o funk e como isso se reflete na mudança de comportamento das pessoas em uma sociedade carregada de machismo.

PEGA A VISÃO

NA PONTA DA LÍNGUA

Conheça as principais gírias do funk na cena paulistana

Onde estiver, o funk move parte da sociedade e da economia e expressa sua identidade na música, nas roupas, nos acessórios e na gíria. E, por falar em linguagem, o Expresso na Perifa conversou com três pessoas que conhecem a fundo a cena paulistana. Elas ajudaram a compor um glossário dos termos mais usados no cotidiano de quem vive o funk. Entre em expressonaperifa.com.br e saiba o que alguém quer dizer quando chama o outro de "perreco". *(Emerson Caetano, PerifaConnection)*

Fernanda Souza
Jornalista, educadora e criadora do editorial de moda Essas são as Meninas que os Menino Gosta 011

Laryssa Lenne
Apresentadora do podcast Parças Zilla, da plataforma Kondzilla

Fotos: arquivo pessoal

Pequeno Gênio
Youtuber. É produtor de conteúdo direto das quebradas do Itaim Paulista

Liberdade para ir e vir, sem dia nem horário

Para incentivar e ampliar a participação feminina nas cidades, é preciso criar ações de inclusão e ambientes cada vez mais seguros em prol da igualdade de gênero

Durante duas semanas, entre 14 e 28 de janeiro, a cidade de São Paulo foi palco do 3º Festival Artistas de Rua, que contou com vários espaços públicos e abertos para receber 30 shows somente de artistas mulheres, com entrada gratuita.

As apresentações atraíram milhares de pessoas que puderam curtir diferentes estilos musicais produzidos no Brasil — hip-hop, MPB, rap, funk — e ainda conhecer a força artística das mulheres de diversas gerações.

Essa temática tem tudo a ver com a 99, uma das patrocinadoras do evento. A plataforma de tecnologia voltada à mobilidade urbana, presente em 1.600 municípios brasileiros com 20 milhões de usuários em todo o Brasil, tem em seu DNA o propósito de incentivar e ampliar a participação feminina nas cidades, criar ambientes cada vez mais seguros e promover diversas ações para a inclusão em favor da igualdade de gênero.

Getty Images

Hip-hop, MPB, rap e funk mostraram a força artística das mulheres de diversas gerações em evento que promove maior participação feminina nas cidades

Invisível, não

Desde 2019, o programa 99 Mais Mulheres desenvolve uma série de compromissos para que elas sejam vistas e pertençam, de fato, a todos os espaços urbanos — uma vez que as estruturas das cidades não foram pensadas para elas, incluindo as mulheres trans.

Embora as mulheres representem mais da metade da população e sejam responsáveis pela maioria dos deslocamentos de maneira geral, ainda falta muito para que as cidades sejam estruturas mais femininas — necessidade que se manifesta em campos como segurança, acessibilidade e mobilidade, entre outros.

Para reforçar essa reflexão, a 99 desenvolveu a campanha nacional "99 Mais Mulheres – Por Cidades Mais Femininas" e, por meio de uma estratégia de comunicação geolocalizada, leva mensagens de forma personalizada às ruas, estações, praças e parques em várias cidades pelo Brasil. Um vídeo manifesto, por exemplo, mostra que, em cada grupo de 100 estátuas instaladas em espaços públicos da cidade de São Paulo, apenas 12 representam figuras femininas. E, ainda, que só 35% do total de carteiras de motorista emitidas no Brasil são para mulheres.

"Todas as vezes que vou sair, penso em programar as horas, por quais ruas vou passar, que tipo de transporte vou usar", conta uma das entrevistadas. "É muito importante que os nossos corpos femininos ocupem os espaços sem nenhuma tensão."

Segurança de dia e de noite

A estudante curitibana Luísa Lencioni de Mendonça, 23 anos, usa o aplicativo da 99 com frequência para se deslocar pela capital paranaense. Ela divide um imóvel com outras três estudantes, e nenhuma delas tem carro. "Nem precisa", observa. "A gente compartilha também a 99, mais nos fins de semana."

De acordo com Luísa, elas nunca passaram por nenhuma situação constrangedora ou de insegurança durante as idas e vindas pela 99, de dia ou de noite, mesmo quando só uma está no carro. "Nem piada sem graça, indireta, paquerinha, nada dessas coisas que costumam acontecer só porque somos mulheres", afirma ela. "A gente vai sempre de boa!"

Mulheres representam 5% da base de motoristas parceiros da 99 e 60% dos passageiros transportados pela plataforma, o que requer uma atenção especial nas ações da companhia. Recentemente, esse público ganhou a ajuda de duas novas ferramentas de inteligência artificial — Pítia e Atena — inseridas no app para tornar mais seguras todas as corridas. Juntas, elas identificam passageiras mulheres em situação de maior risco e direcionam motoristas parceiras ou parceiros mais bem avaliados.

4 maneiras de tornar as cidades mais femininas

1. Respeitar as diferenças.

2. Não tolerar e denunciar comportamentos criminosos, como atos de violência física ou verbal, racismo, LGBTQIA+fobia e intolerância por questão religiosa ou política. O mesmo vale para preconceitos de classe social, profissional, de origem, local de moradia, com as pessoas com deficiência ou outra característica específica.

3. Jamais utilizar sua posição para ameaçar o outro, por meio de humilhações, situações constrangedoras ou de desrespeito.

4. Coibir assédio sexual (crime) de qualquer origem (flerte, piscada ou comentários inoportunos). Não é preciso ter sido a vítima para denunciar a situação.

(Fonte: https://www.guiadacomunidade99.com.br/)

Para acessar outros conteúdos, aponte a câmera do celular para este QR code:

99 Se cuida, vai de 99

CHEGA JUNTO COM A 99 E GANHE MAIS EM 2022!

São diversos incentivos para você aumentar os seus ganhos, motorista parceiro!

NOVO AUMENTO DE GANHOS

A 99 aumentou os seus ganhos por km em 8%! Além disso, o seu ganho mínimo é de R$6,50!

GANHO POR DESLOCAMENTO

Ganhe mais para buscar passageiros distantes! Quanto maior a distância, maior o seu ganho extra!

99 TAXA ZERO

Durante todas as sextas-feiras de fevereiro, das 16h às 22h, você corre com 99Taxa Zero!

Saiba mais em 99app.com/maisganhos-saopaulo

*Válido para a cidade de São Paulo e região metropolitana.

Baguio bombou: o ensaio tem milhares de visualizações e curtidas nas redes sociais (**www.instagram.com/correrua_**). Fernanda quer viver de seu trampo e espera que a equipe envolvida no projeto seja chamada para outros trabalhos. "Faz parte da minha brisa comunicar de forma mais afetiva e honesta possível", diz a multiartista

MODA

MENINAS FUNKEIRAS

Ensaio quer combater estereótipos; garotas reais representam a periferia 'de verdade' na cultura dos bailes

LUCAS VELOSO

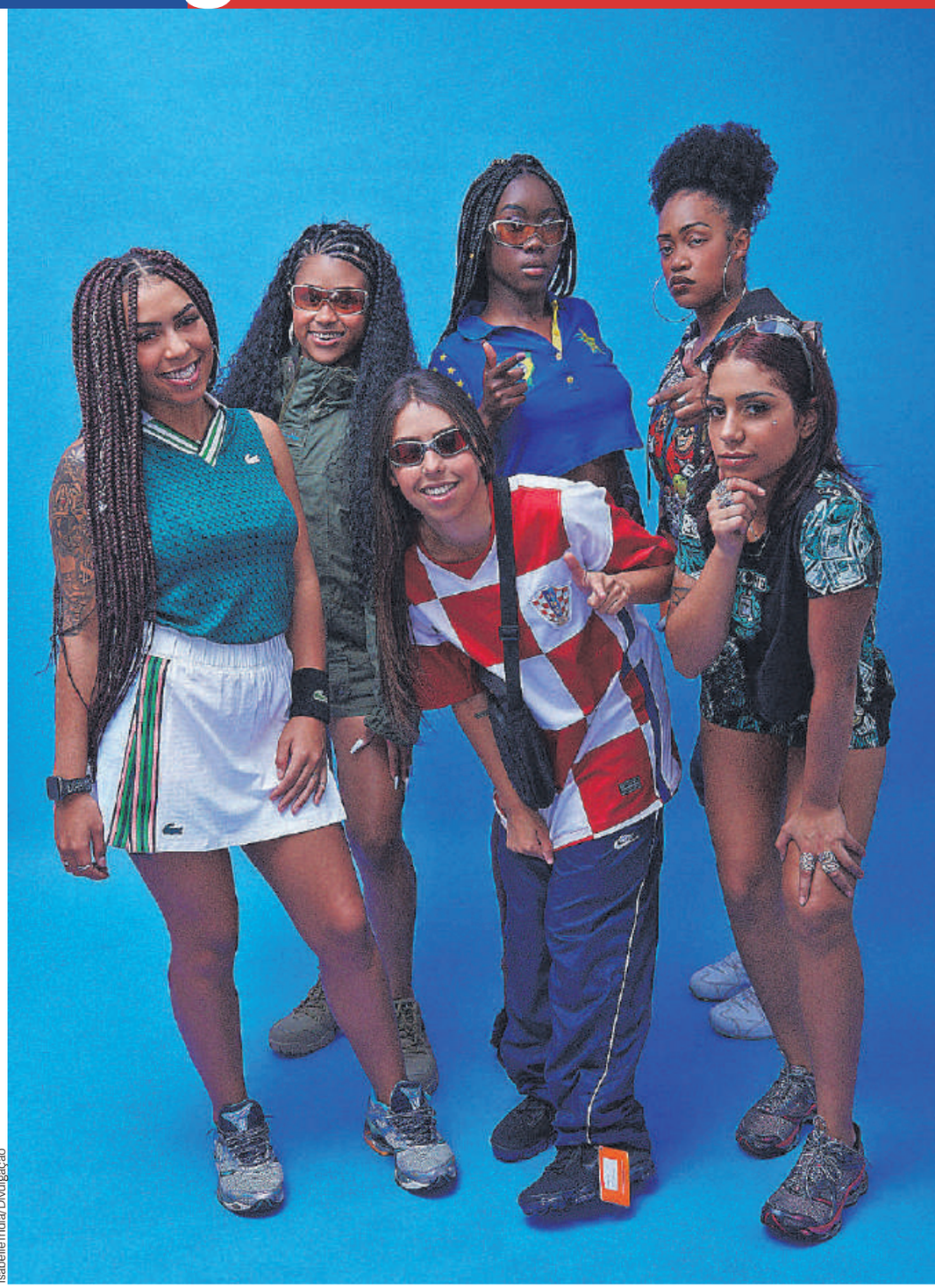
Moradora do Grajaú, periferia da zona sul de São Paulo, a diretora de arte e multiartista Fernanda de Souza Ribeiro acha que a favela e as meninas que frequentam bailes funk não são valorizadas como deveriam. Para ela, o que acontece na prática é a criminalização dos movimentos, sobretudo das mulheres. Movida por esse questionamento, Fernanda articulou um ensaio audiovisual que põe o funk e a diversidade das garotas em um espaço que o senso comum costuma negar: o mundo da moda.

No editorial de moda *Essas são as Meninas que os Menino Gosta 011*, o objetivo principal, conta Fernanda, é a valorização do funk. "Mostro a cultura enquanto moda e comportamento de dentro, valorizando nosso rolê, nossas histórias e dando autoestima", diz. "Tudo isso porque na moda não somos vistos e, quando olhados, somos sempre alvo dos estereótipos. Tentamos introduzir isso como moda brasileira paulista, que seja assunto recorrente nas revistas, nas campanhas e nos recebidos."

No game do capitalismo

Sobre o funk e seu reconhecimento como potência artística, Fernanda é incisiva: a sociedade só reconhece quando é conveniente. Empresários e mercado, de modo geral, consideram o movimento somente quando se reverte em dinheiro, afirma. E, ainda assim, não remuneram nem contratam quem é da cena, e sim modelos de outros segmentos e pessoas que não vivem na periferia ou frequentam bailes funks, a quem Fernanda chama de "elementos suavizados" e "pessoas que às vezes andam com a gente, mas não são a gente".

Veja a reportagem completa e mais fotos do editorial em **bit.ly/expresso-na-perifa-funk**



Isabelle India/Divulgação

ESTADÃO expresso NA PERIFA
expressonaperifa.com.br

ESTADÃO EXPRESSO NA PERIFA
Publicação da **S/A O Estado de S. Paulo**
Diretor de Projetos Especiais e Jornalista Responsável: Luis Fernando Bovo
MTB nº 26090/SP

ESTADÃO BLUE STUDIO
Projeto criado e apoiado por: 99

Gerente de Conteúdo: Tatiana Babadobulos
Editora Estadão Expresso na Perifa: Viviane Zandonadi
Editor 99 Expresso na Perifa: Lucas Veloso
Designer: Robson Mathias

Apoio: Mariana Collini e Fátima Chicarelli
Revisão: Francisco Marçal
Circulação: 1ª sexta-feira do mês
Tiragem: 30.000 exemplares
Distribuição gratuita – São Paulo (Capital)

COLETIVOS E COLABORADORES
Embarque no Direito (SP); Favela em Pauta (RJ); Juca Guimarães (SP); Lá da Favelinha (MG); PerifaConnection (RJ); Periferia em Foco (PA)